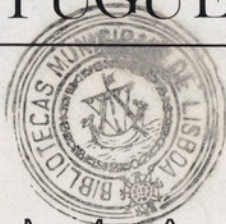


ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA



DAS IMAGENS

Soldado português despedindo-se, no momento da partida para as campanhas de França (1.ª Grande Guerra)



As imagens são a língua viva que hoje falamos.

Elas saltam-nos dos lábios e do coração. Por vezes querem-nas calar sempre que elas representam a verdade. Por isso os jogos de imagens são jogos de sabedoria.

As ima-

gens são a arte dos tempos e a alquimia da revolta. São também a razão da nossa memória e a memória da nossa razão. As imagens a preto são a cor. E cada cor é o som livre do sereno desejo de criar.

As imagens nada lhes falta. Elas, em si, são a prova real da coragem. E dos sonhos. As imagens são como os

homens:

Muito parecidas e sempre desiguais. Daí que haja sempre em cada imagem uma história para contar.

E DA VIDA



Editorial/Notícia única

A memória do homem reside fora do seu corpo. Transforma-se, dia a dia, tanto em pesadas formas de um qualquer cristal terrestre, como em leves rasgos de cor, dançando sobre um pano cru. Às vezes, descansa em folhas poeirentas de exercícios sentimentais de caligrafia.

Escrever sobre as coisas e sobre os homens é inquietação do tempo e de muita gente. A cada momento, cada palavra representa o conflito, a serenidade, a admiração ou o entusiasmo.

Vivemos uns pelos outros, dependemos e projectamo-nos uns nos outros.

Descobrimos o traçado da nossa vida, como se fossem luzes rasteiras da noite, e paramos para pensar: «Porquê tanta correria».

Sem sermos «Senhores do Tempo» damos a volta ao mundo, galgamos os horizontes da mudança e gritamos: «Amanhã vai ser tudo novo!»

Fazer reviver a «Ilustração Portuguesa» (nascida há 93 anos, neste país, para contar os tempos conturbados do fim da monarquia e a alvorada algo inconsistente da República, e para sentir o desenfreado pulsar dos anos loucos e a amargura da guerra) era empenho de longa data.

Ainda que irmã mais nova de outras publicações do género, nascidas pela Europa fora, caso da honorável «Illustration» (française), a edição portuguesa soube, durante o seu período de publicação, esforçar-se por fazer da fotografia a nova linguagem do século, num estilo de relato visual, muito precursor do «fotójornalismo» (estilo de reportagem que iria sentir – e reflectir – a guerra como consciência colectiva da negação humana).

No entanto, a fraqueza também passou por esta revista. Embrulhada, durante alguns anos, nos alinhavos de algumas crónicas de lantejoulas falantes, sofreu naturalmente a cândida concorrência de outros «magazines» que começavam a despertar para a vida.

Tímida, por vezes, no tratamento da temática social e da não ritualidade cultural, agia, assim, com um paternalismo poupado, chegando a fazer da geografia humana uma viciante digestão de futilidades.

A «Ilustração Portuguesa» merece-nos, de qualquer forma, a nossa admiração pelo afloramento das ideias.

Serviu de tecto, ainda, a uma tertúlia de pensadores, poetas, fotógrafos, gravadores, pintores e muitos outros. Que a amaram plenamente.

A «Ilustração Portuguesa» foi ainda pedra basilar do projecto editorial do antigo jornal «O Século», calado na passada década de 70.

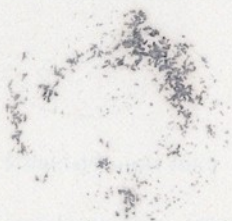
Fazer reviver, hoje, a «Ilustração Portuguesa» é não só uma ideia que, regularmente – com um novo aspecto gráfico e acentuado rigor jornalístico procuraremos levar à prática, como também uma homenagem sincera à imprensa peregrina deste país, aos seus escritores – jornalistas verdadeiros, e um pouco, também aos trabalhadores «de fim de estrada» dos últimos anos da empresa proprietária do jornal «O Século», alguns do nosso conhecimento pessoal e com quem, infelizmente, fomos obrigados a visitar a tristeza.

Este número de a «Ilustração Portuguesa» é de transição. Significa uma edição antecipada do nosso projecto editorial, por via de imperativos legais. Significa, no entanto, o início da publicação regular de um título que vai falar através das imagens. Porque elas são o verdadeiro alfabeto do nosso tempo. E é na sabedoria que os homens se encontram. Até breve.

Ilustração
PORTUGUEZA

Se o Eça fosse vivo, hoje seria fotógrafo e não escritor. As imagens tratá-las-ia com amor. Aos homens e costumes fá-lo-ia com humor. São princípios de que nunca abdicou.





Há que, rapidamente, descobrir a magia das cabines. Nelas geram-se paixões e desesperos, angústias e esperanças. São um último lugar de culto, que merece ainda o nosso respeito.

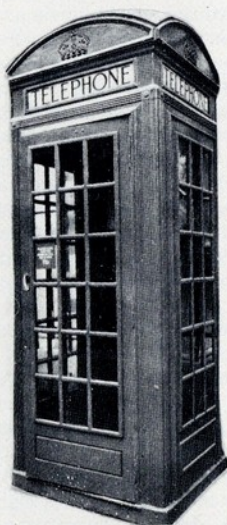


ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA • DIRECTOR — RAUL REIS
(EDITOR E PROPRIETÁRIO)
REGISTO DA D. G. C. S. — 104286 — SEMESTRAL — REDACÇÃO
E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA CRUZ DOS POIAIS, 20-1.º
1200 LISBOA — IMPRESSÃO — JORGE FERNANDES, LDA.
DEPÓSITO LEGAL 13461/86

